

## O PERU DE NATAL: uma análise da memória familiar a partir da figura do pai

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA/UEMA)<sup>1</sup>

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI/UEMA)<sup>2</sup>

**Resumo:** Pretendemos neste trabalho discorrer sobre a representação da memória em O peru de Natal, de Mário de Andrade, considerando o modo como é construída e revisitada, a partir das lembranças da infância. Para tanto, as discussões pautaram-se na visão de Halbwachs (2006), Pollak (1992) Bergson (1999), entre outros. Constata-se que a figura do pai remete a família ao passado regrado, sofrido, marcadamente duro; por outro lado, o natal representava o nascimento, sendo o peru o elemento desencadeador das lembranças e, ao mesmo tempo, símbolo do patriarcado no encontro familiar.

**Palavras-chave:** O peru de natal; Conto; Patriarcalismo; Lembrança; Memória.

### Introdução

Os contos foram e continuam carregando a finalidade de serem representativos de aspectos da vida cotidiana, de modo que propõem a retratar realidades por meio do ficcional. Enquanto estrutura textual, o gênero conto centra-se em uma só ação, num só clímax, é uma narrativa breve, imediatista, de poucas personagens. Tal estrutura corresponde ao objetivo para qual este gênero fora criado historicamente, tendo surgido e se alicerçado na tradição oral, cuja prática dava-se pela percepção do mundo, através de lembranças e de memórias colhidas nos semblantes de seus campesinos.

O conto integra a obra *Novos Contos*, datada de 1947, escrita por Mário de Andrade, considerado um dos maiores escritores modernista da literatura brasileira, um dos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, autor de *Macunaíma*, romance que se destacou por sua considerável contribuição ao retratar as qualidades e defeitos de um brasileiro comum, obra tida como uma das representativas dessa vanguarda literária.

Mário de Andrade dedicou parte da sua obra ao gênero conto, talvez pelo caráter conciso que comporta, ou por seu caráter imediatista, com número reduzido de personagens, girando em torno de uma única ação o que possibilita um contato mais rápido com o leitor.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras – Teoria Literária pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Professor do Curso de Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus São Bernardo Contato: [rayronsousa@hotmail.com](mailto:rayronsousa@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Contato: [silvanapantoja3@gmail.com](mailto:silvanapantoja3@gmail.com)



O escritor modernista é conhecido por apresentar, no teor de suas narrativas, o “revisitar” de memórias, de lembranças, utilizando-se de objetos usuais como elementos desencadeadores de suas histórias. Vale lembrar, por exemplo, o conto *Tempo de Camisolinha*, (1939-1943), em que o narrador utiliza-se da lembrança da camisolinha de criança para construir o retrato de uma cena familiar, a partir da tênue tessitura de acontecimentos cotidianos.

Em *O peru de Natal*, o narrador abre um leque de diálogos consigo mesmo, no intuito de compreender o que representa a figura do pai no contexto da família tradicional e conservadora. Ao longo da narrativa, vai desnudando a sua interioridade, ao tempo em que vai constatando as imperfeições da própria família, regida e regradada por normas e preceitos patriarcais.

### **Memória e Representação Literária: breves considerações**

“A memória é a mais alta imaginação”

Octávio Paz

Iniciamos esta discussão envolvidos com o pensamento de Octávio Paz (1984), quando a atrela à capacidade também de se reinventar por meio de percalços que estão para além da sua condição veritativa, sendo possível a evocação da lembrança a partir de algum objetivo que circunda a vida cotidiana. Nesse sentido, a imaginação atua como transporte ao arquivo, entendido como lugar onde se guarda o intangível, o vivido. Neste universo de construções simbólicas, atreladas ao processo imaginário, temos os movimentos de guardar as vivências e de ativá-las em circunstâncias das mais inesperadas.

Os estudos sobre Memória e Representações Literárias começaram a surgir com maior notoriedade no final do século XX e início do século XXI. As discussões que tematizam a memória tiveram como precursor o filósofo Henry Bergson, seguido do sociólogo Maurício Halbwachs, influenciado por Émile Durkheim. Os últimos discutem-na numa perspectiva de representação enquanto rememoração, voltada para a área das ciências humanas.



As discussões acerca da memória requerem atenções em diferentes áreas do conhecimento, uma vez que é constituída a partir de inúmeros reflexões. No campo literário a problematização acerca da memória direciona para questionamentos que não devem ser entendidas como definição-fim, mas como um ponto de partida para discussões sobre o sentido da memória, das lembranças, do ato de recordar e do esquecer.

O ato de recordar é um movimento de inquietude que, sendo uma experiência que se anuncia continuamente, acaba influenciando o futuro. Nesse sentido, a memória é associada, metaforicamente, ao ato do ruminar, como em *Boitempo* de Drummond. O processo de vivência e posteriormente a volta a essas vivências, bem como suas características que compõem a respectiva materialidade, desenvolvida dentro de um grupo social, ao mesmo tempo que é individual, é também coletiva. Na perspectiva de Maurice Halbwach (2006), a memória coletiva é matéria-prima para a constituição do sujeito, ainda que a experiência seja individual. Afirma o sociólogo que:

Toda a arte do orador consiste talvez em dar àqueles que o ouvem a ilusão de que as convicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora, que eles nasceram deles mesmo, que ele somente adivinhou o que se elaborava no segredo de suas consciências e não lhes emprestou mais que sua voz (HALBWACHS, 2006, p.47).

A partir desse raciocínio, as representações memorialísticas soam nos textos literários como se partissem dos próprios personagens que recordam, e que elementos do presente apenas ativassem a lembrança, porém Halbwachs assevera que as cenas lembradas só são possíveis porque o sujeito as vivencia e as compartilha com integrantes dos grupos aos quais pertence. Neste caso a atuação está pautada no que se espera dela, cabendo à memória se construir e se ativar nessas consciências.

Assim, a memória é entendida, na visão de Halbwachs (2006), como uma reconstrução do passado com flash's do presente e com participação de integrantes do grupo. Esse movimento decorre mais do presente do que do passado, numa perspectiva em que o indivíduo é influenciado por seu grupo social, pela posição que ocupa nele.

Pensando a memória numa perspectiva mais contemporânea, Izquierdo (2011, p. 12) assevera que “somos aquilo que recordamos e esquecemos”. Com isso ratifica a



discussão de Halbwachs no que diz respeito à presença do passado na construção do presente, enquanto revisitação às memórias como continuidade do agora.

Sobre as memórias das guerras, questiona-se: porque os soldados retornam mudos? Porque a experiência da guerra é traumática e a mudez é o resultado das vivências do passado. Eles não narravam a guerra porque a memória está impregnada de lembranças de dor. Acerca da conceituação de dor, segundo Halbwachs (1990, p. 99):

“O tráfico da dor, que faz com que, levada até um certo ponto, crie em nós um sentimento desesperado de angústia e impotência, é que sobre um mal cuja causa está naquelas regiões de nós mesmos onde os outros não podem chegar, ninguém pode fazer nada já que nos confundimos com a dor e que a dor não pode destruir a si mesma.”

Embasados nessas assertivas, compreendemos que muitas lembranças do passado se corporificam em imagens traumáticas. Para o autor a memória não corresponde simplesmente a uma ação construída, vivida e concluída no passado, mas numa ação que permanece viva não só no ser que rememora, mas também dentro do grupo social.

Henri Bergson (1999, p. 27) afirma: “Assim nasce a dor, que não era para nós senão um esforço do elemento lesado para colocar as coisas no lugar”. A dor é compreendida como reação da ausência, do latejar de memórias, na busca do esquecimento, que vem gradativamente.

### **O lugar da memória em *O peru de natal*: desmembrando os percursos do conto**

O conto *O peru de Natal* gira em torno da ceia noite de natal, em que a família enlutada pela perda do patriarca resolve, por influências e pressões do filho Juca, realizar a ceia natalina, sendo um desejo de todos, especialmente do filho, a comemoração e o “degustar” do peru. Essa ave, especial e simbólico, em geral está presente em ocasiões especiais, como o natal.

Nas ceias anteriores, quando o pai ainda estava entre eles, o peru era servido aos convidados, enquanto os familiares se contentava com as sobras, justificativa essa que alimenta o desejo do filho Juca em ofertar aos familiares, principalmente à sua mãe, uma ceia nunca tida.



O conto inicia informando a morte do pai, acontecida em meados do mês de julho. Com isso, situa o leitor no tempo da narrativa: “O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida **cinco meses antes**”. (ANDRADE, 1947, p. 01). A partir do exposto, estamos diante de um narrador intradieético, que narra a história de dentro, ao mesmo tempo em que participa.

No texto, a marcação de tempo não se refere ao tempo do acontecido, embora faça também essa marcação, cujo objetivo é deixar nítido que a família mesmo enlutada comemorará o Natal, o que por um lado para uma “família tradicional” não seria o mais adequado para o momento, pois deveriam manter ‘sentimentos’ ao falecido, principalmente se tratando de uma família que se centrava na figura do patriarca.

O narrador rememora o natal mesquinho e encaixotado que o patriarca preparava:

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa do quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama. (...) (ANDRADE, 1947, p. 01)

Segundo o narrador, o natal da sua família não apresentava o mesmo sentimento de festividade que os de outras famílias, como festas, visitas e muita comida. Quando aponta que é uma “ceia tipo meu pai”, discorre sobre sua mesmice, da simplicidade e do caráter econômico de um natal simplório, sem o que todos esperam o ano inteiro: uma farta ceia e a troca de energias.

“– Bom, no Natal, quero comer peru.” (ANDRADE, 1947, p. 01). Mais uma vez retira-se a afirmativa de que o peru é o objeto de percepção que possibilita a revisitação às memórias da família, dos natais, através do olhar de Juca, narrador-protagonista. “[...] Quando é que a gente já comeu peru em nossa vida! Peru aqui em casa é prato de festa, vem toda essa parentada do diabo [...]” (ANDRADE, 1947, p. 02).

Desvelando a narrativa, Juca apresenta um perfil acerca do pai, figura que será rememorada durante toda a narrativa. Diz ele:

[...] à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres (ANDRADE, 1947, p. 01)



Diante das impressões do narrador, desponta o caráter materialista, “*um ser desprovido de sentimentos, de afetividade*”. Ainda faz questão de enumerar os objetos pelos quais o pai tinha apego, acentuando seu caráter dramático, compreendido com esse adjetivo por querer ter tido e teve sempre o controle das situações, comportamento típico do “chefe da família”. Além disso, caracteriza-o como o “*puro sangue dos desmancha-prazeres*”, aquele que fora responsável pelos dissabores.

Nesse sentido, segundo Sarlo (2007, p. 51) “Sujeito que narra atribui sentidos a todo detalhe pelo fato de que ele o inclui em seu relato”, o que justifica o relato detalhista, e as enumerações que o narrador intradieético faz.

O narrador propõe à tia solteirona a contraposição de sua memória, questionando-a quando é que haviam comido peru. Acrescenta, ainda, que a ave natalina sempre esteve distante da realidade dele, e quando o tinham, a casa era invadida por todos os parentes:

[...] Do peru, só no enterro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia ainda provavam num naco de perna, vago, escuro, perdido no arroz alvo. E isso mesmo era mamãe quem servia, catava tudo pro velho e pros filhos. Na verdade ninguém sabia de fato o que era peru em nossa casa, peru resto de festa. (ANDRADE, 1947, p. 02)

A mãe é motivo de muita preocupação. É para ela que Juca prepara os detalhes da ceia. Talvez por ter ficado sempre à sombra do pai, a quem Juca deixa nítido não ter tido nenhum apreço, tampouco sente a dor de sua ausência. Mas a mãe, considerando o discurso do narrador, era a destinatária de todos os preparativos para aquela ceia incomum. “[...] É certo que com meus “gostos”, já bastante afinados fora do lar, pensei primeiro num vinho bom, completamente francês, mas a ternura por mamãe venceu o doido, mamãe adorava cerveja”. (ANDRADE, 1947, p. 02). Nesse sentido, vale identificar que tão importante era a destinatária que ele, Juca, abdicou do vinho pela cerveja. A troca torna-se simbólica, minimizada diante da figura materna e tudo que ela havia deixado de viver nos tempos de seu pai.

[...] E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fora engraçado: assim que me lembrara de que finalmente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada [...]. (ANDRADE, 1947, p. 02)



Juca era crítico, logo, não poderia deixar de notar que até a missa era mal rezada, mas depois viria a recompensa, o jantar em que sua mãe, pela primeira vez, rememorando todas os natais, comeria um peru. Ratifica, no último trecho da citação, a preferência pela mãe “[...] não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, **amar minha velhinha adorada** [...]”. As memórias dos natais constituía a ausência do espírito festivo, a ausência de sua mãe nas comemorações, ausência essa que seria recompensada com o farto jantar, de fatias inteiras, sem a presença paterna que escureceria todo o brilho daquela data.

O narrador faz uma menção especial ao peru, como objeto de percepção das memórias, “[...] Aquele peru comido a sós, **redescobria** em cada um o que a quotidianidade abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos [...]”. (ANDRADE, 1947, p. 03). A ruptura do regime patriarcal possibilitava, a partir da revisitação ao passado, a definição de um novo presente. Ambos redescobriam os prazeres que, no passado, eram-lhes negados. A mãe ocupava, a partir daquele momento, o lugar de figura central, começava ali um matriarcado voluntário, em que todos os olhares se voltavam para ela, desejo esse do filho, como recompensa de um passado sofrido.

“- Eu que sirvo! “É louco mesmo”, por que havia de servir, se sempre mamãe servira naquela casa! [...]”. (ANDRADE, 1947, p. 03). Outrora, a mãe era a serviçal da família, não haveria outra, senão ela. Por isso seu nome não era citado até o momento.

[...] A voz severizada de mamãe cortou o espaço angustiado com que todos aspiravam pela sua parte no peru:  
- Se lembre de seus manos, Juca!  
Quando que havia de imaginar, a pobre! Que aquele era o prato dela, da Mãe, da minha amiga maltratada [...] (ANDRADE, 1947, p. 03)

A voz severina, sofredora, daquela que não havia de imaginar que chegaria um dia em que comeria fartas fatias de peru. O passado é tão revisitado, que a mãe chama para perto de si todos aqueles que ficavam de fora das ceias natalinas, para que todos participem da partilha. E ele, satisfeito pela mãe. Por outro lado, lembrava a vida maltratada que lhe acometia no passado. Ali celebravam o sentido do natal, como momento de prosperidade, de novos tempos, tal sentimento não era diferente naquela família.



Foi quando ela não pode mais com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também [...] E minha irmã. [...] É que o prato evocara por associação a imagem indesejável de meu pai morto. Meu pai, com sua figura cinzenta, vinha pra sempre estragar nosso Natal, fiquei danado. [...]. (ANDRADE, 1947, p. 03)

Apesar da comemoração no presente, a lembrança da rigidez do regime patriarcal não fora abolida. A data e a comemoração em si, especialmente o peru, ativava a memória. Para o filho, a memória era traumática, o que é perceptível na narração, a partir de algumas imagens, como “Imagem indesejável”, “figura cinzenta, vinha pra sempre estragar nosso Natal”.

Naquela ocasião o pai tomava outra forma, era rememorado a partir das ameixas pretas, pela associação do sabor, da relação com a velhice, aquilo que esteticamente não era bonito, em suma, não era doce, não era agradável. Novamente os objetos tomam forma na intersubjetividade e criam memórias (HALBWACHS, 2006). Assim, a figura do pai brigava com a presença do filho por querer, mesmo ausente, se fazer presente, na mesma ocasião singular, contraposta a partir do discurso construído pelo narrador contra as memórias paternas.

[...] Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. [...] nem bem gabei o peru que a imagem de papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora. – Só falta seu pai... Eu nem comia, nem podia mais gostar daquele peru perfeito, tanto que me interessava aquela luta entre os dois mortos. (ANDRADE, 1947, p. 03-04).

A luta contra o passado, representado pela memória do pai; pelo presente, representado pelo peru, faziam com que o narrador intensificasse ainda mais suas lembranças indesejadas. Após tomar partido por seu pai, já que a rejeição até esse momento da narrativa não lhe tinha apresentado nenhum sucesso, resolveu desabafar, as lembranças desagradáveis pareciam oportunizar espaço para o esquecimento,

[...] A imagem dele foi diminuindo, diminuindo e virou uma estrelinha brilhante no céu. [...] papai fora muito bom, sempre se sacrificara por todos nós [...] Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inexorável estrelinha do céu. Não prejudicara mais ninguém [...] (ANDRADE, 1947, p. 04).

Após tomar os discursos da família rendida à memória do pai, Juca propõe uma mudança de parâmetro, agora não estava mais confrontando as memórias, tomara para si a mesma melancolia da mãe e dos demais, ação essa que resultou num momento de

‘canonização’ da figura paterna, apesar de não deixar de narrar o alívio por não tê-lo mais no mesmo plano. Essa constatação se dá por meio de sua fala:

[...] Era uma felicidade maiúscula, um amor de todos, um esquecimento de outros parentescos distraidores do grande amor familiar. E foi, sei que foi aquele primeiro peru comido no recesso da família, o início de um amor novo, reacomodado, mais completo, mais rico e inventado, mais complacente e cuidadoso de si [...] (ANDRADE, 1947, p. 04).

A figura do pai foi oportunizando a felicidade da “nova” família. O peru era o marco de um novo tempo, assim como a ideologia cristã atrela ao Natal a simbologia de recomeço. O esquecimento é necessário, já que faz parte do processo, próprio da memória, é preciso esquecer-las para seguir o novo trajeto. E esquecer não significa excluir, mas deixar de lado, em suspensão. Paul Ricoer (2004), o esquecimento é necessário, uma disputa entre o memorar e o esquecer.

“[...] Depois vieram umas uvas leves e uns doces, que lá na minha terra levam o nome de “bem-casados”. Mas nem mesmo este nome perigoso se associou à lembrança de meu pai [...]”. (ANDRADE, 1947, p. 04). O narrador apresenta, finalizando a narrativa, uma desassociação dos objetos com a figura do pai. Era a partir daquele momento o início de um novo regime, agora matriarcal, marcado por uma nova felicidade, sem a recorrência memorialística traumática da figura cinzenta que vinha estragar todos os bons momentos.

### **Considerações Finais**

Mário de Andrade contempla em suas narrativas o uso e a revisitação das memórias, atrelando ao passado sua necessidade. Ambos, passado e presente, caminham juntos, enraizando tentativas de fuga ou a afirmação da não-vivência mas não se pode negar que o acontecido independe das vontades dos envolvidos.

O conto *O peru de Natal* possibilitou constatar que a revisitação ao passado é uma tentativa de compreensão do vivido, isso é possível a partir da distância temporal entre os acontecimentos em si e o momento da rememoração. Nesse caso, a ceia sem o pai e a fatura de um peru em fatias grandes, acompanhado de cervejas, foram circunstanciais para a superação dos bloqueios vividos pela família.

A mãe, sempre foi visualizada na posição de subserviente, apagada, não tendo voz. Sempre em silêncio, não passava da esposa que preparava a casa e o peru para os



familiares em noites natalinas. Posição essa que se modificou com a quebra do regime patriarcal, simbolizada pelo esfacelamento do peru na ceia de natal.

A figura do pai remetia a lembranças familiares, ao passado regrado, sofrido, marcadamente duro, a rigidez da tradição e do regime patriarcal. A ceia de natal é para Juca um rito de passagem, para tanto a ocasião é entrecortada por imagens de natais anteriores, que enquadra a infância, cujo “desamor” pelo pai toma a cena. A liberdade se anuncia com o rito de passagem. Era hora de redescobrir a vida, e nada melhor que aproveitasse, pelo sentido e significações, do momento e da ceia de natal vivenciada no presente.

O natal é símbolo do nascimento, o peru é o elemento que ativa as memórias a partir do acontecimento presente, ao mesmo tempo em que é o símbolo da felicidade sem culpa, apesar da intervenção da cor e do sabor da ameixa, objetos tradicionais nas ceias natalinas, que na tessitura do narrador retoma a imagem paterna, que não é esquecida, mas amenizada, dando espaço para a felicidade e superação e/ou esquecimento.

Portanto, com o caráter único e com a escrita voltada e mergulhada nas memórias, Mário de Andrade inaugura uma nova estética literária, a qual é textualmente explícita nas obras supracitadas, embora outros gêneros literários escritos por ele também tenham marcas de memória, o que possibilita ao leitor um maior em envolvimento com a narrativa e um projetar-se nela para compreender o modernismo.

## Referências

- ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. In. O peru de Natal. 1947.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- POLLAK, Michael. “**Memória, Esquecimento, Silêncio**”. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v.2 n. 3. 1989. \_\_\_\_\_. “Memória e identidade social”. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.



SARLO, Beatriz. **A retórica testemunhal**. In: Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.